

Fotografia como ferramenta auxiliar no trabalho de conservação da família Orchidaceae

Luciano Ramos Zandoná

Instituto de Botânica de São Paulo e Legado das Águas, São Paulo, Brasil

Correspondencia: luciano_zandona@yahoo.com.br

A Mata Atlântica é um dos biomas com maior diversidade de epífitas das Américas. A família Orchidaceae, na maioria das vezes, é a mais numerosa entre as epífitas em ambientes úmidos tropicais, podendo também apresentar formas mico heterotróficas, rupícolas e terrícolas. A família é constituída por cerca de 800 gêneros e aproximadamente 25.000 espécies, na sua maioria (75%) epífitas (Dressler, 1993, 2005).

A grande diversidade de espécies, formas e as diversas adaptações ecológicas da família, além de seu apelo ornamental, fazem das Orchidaceae um grupo potencial para conservação *ex situ* em jardins botânicos, sendo uma das famílias mais cultivadas em coleções de conservação ao

redor do mundo (Stewart, 1991; Rassmussen e Rassmussen, 1991). As orquídeas, por serem adaptadas a nichos específicos e muito sensíveis a alterações do microclima, podem, de acordo com sua riqueza de espécies, indicar o grau de conservação de um ambiente e suas eventuais perturbações, prevenindo maiores danos à biodiversidade (Hietz, 1999, Zandoná e Catharino, 2015).

No Brasil, atualmente são conhecidos mais de 200 gêneros e cerca de 2.500 espécies de orquídeas, dentre as quais aproximadamente 1.500 ocorrem na Mata Atlântica e muitas delas são endêmicas do bioma (Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 2020).

Orchidaceae sofre grande pressão antrópica devido à coleta, comércio ilegal e supressão de habitats (Hoehne, 1949), estando entre as famílias de plantas mais coletadas ilegalmente em todo o mundo. Apesar dos muitos esforços feitos atualmente para conservá-las, seja *in situ* ou *ex situ*, muitas espécies habitam nichos específicos, são extremamente dependentes do microclima, de polinizadores e da associação com fungos formadores de micorriza, que auxiliam na nutrição do vegetal e também na germinação de pequeninas sementes.

A fotografia é utilizada como

ferramenta fundamental em inúmeras etapas do trabalho de conservação de orquídeas. Está presente desde a documentação dos habitats, monitoramento de populações, desenvolvimento das plantas estudadas *in situ*, registro da floração, visita de polinizadores, formação de frutos, germinação de sementes e surgimento de plântulas.

Como principal metodologia de trabalho, toda obtenção de material botânico é feita através do resgate de orquídeas em árvores e galhos caídos. Evidenciando a importância fundamental



Fig. 1. Clareira aberta em floresta pela queda de grandes árvores, obtida com uso de Drone. Foto: Crioula Câmera/João Daniel Donadelli.

da fotografia para ilustrar o ambiente de resgate de orquídeas, aqui apresento duas imagens poderosas obtidas simultaneamente. Uma delas retrata a enorme clareira aberta na mata com a queda de grandes árvores (Fig. 1), enquanto a outra o trabalho de resgate de orquídeas sendo executado (Fig. 2).

A fotografia permite a elaboração de fichas de diagnose floral que acompanham as exsicatas e auxiliam da identificação das espécies, pois são feitas a partir de fotos das flores frescas no habitat ou da coleção viva.

Desta forma, é mantido o máximo de detalhes morfológicos, fundamentais para a identificação das espécies através, por exemplo, da diagnose floral (Fig. 3).

As imagens obtidas durante todas as etapas de documentação fotográfica das atividades de conservação de orquídeas (Figs. 4–6), acima de tudo, são o melhor resultado do trabalho, pois tem grande poder em conectar as pessoas com nossa incrível e ameaçada biodiversidade e, assim, sensibilizá-las quanto à necessidade de mudanças de atitudes, individuais e



Fig. 2. Trabalho de resgate de orquídeas em grandes árvores caídas. Foto: Luciano Candisani.

coletivas, que favoreçam a todos e tragam equilíbrio e bem-estar ao nosso planeta. A fotografia pode ser utilizada em guias educativos, manuais ilustrados, banners, cartazes, apresentações, entre outros meios de comunicação, sendo assim ferramenta

fundamental em atividades de educação para a conservação da natureza.

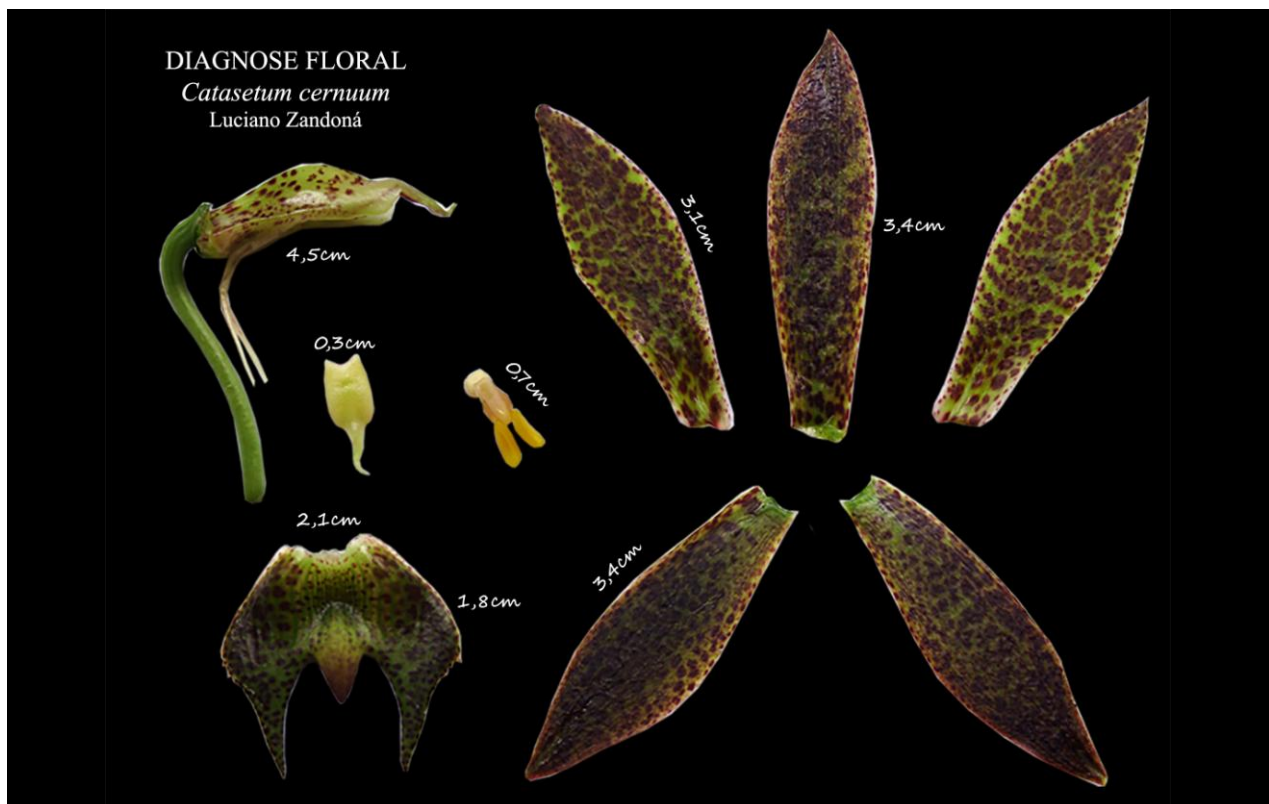


Fig. 3. Ficha de diagnose floral elaborada a partir de fotografias de flores frescas. Foto: Luciano Zandoná.



Fig. 4. *Promenaea stapelioides* (Lindley) fotografada no habitat. Foto: Luciano Zandoná.



Fig. 5. *Catasetum* sp. fotografado no habitat. Foto: Luciano Zandoná.



Fig. 6 *Maxillaria ochroleuca* (Lodd. ex. Lindley 1824) fotografada no habitat Foto: Luciano Zandoná .

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- Dressler RL. 1993. Phylogeny and classification of the orchid family. Portland: Dioscorides Press.
- Dressler RL. 2005. How many orchid species? *Selbyana*. 26: 155–158.
- Flora do Brasil. 2020 [em construção]. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/>>. Acesso em: 10/05/2017.
- Hietz P. 1999. Diversity and conservation of epiphytes in a changing environment. In: The international conference on biodiversity and bioresources: conservation and utilization, IUPAC, Phuket, Thailand. Disponível em: <http://www.iupac.org/symposia/proceedings/p_huket97/hietz.pdf>. Acesso em: 16/02/2014.
- Hoehne FC. 1949. Iconografia de Orchidaceas do Brasil. São Paulo: Secretaria da Agricultura. 640 p.
- Rasmussen HN, Rasmussen FN. 1991. The role of botanical gardens in orchid research. In: Heywood VH, JACKSON PS (eds.). Tropical botanic gardens. Cambridge: Cambridge University Press. p. 275–287.
- Stewart J. Orchids in botanic gardens – necessity or luxury? In: Heywood VH, Jackson PS (eds.). Tropical Botanic Gardens. Cambridge: Cambridge University Press. p. 267–273.
- Zandoná LR, Catharino ELM. 2015. Orchidaceae do Parque Estadual da Cantareira. *Revista do Instituto Florestal*. 27(1): 83–101.